

BREVE REFLEXÃO SOBRE A PÓS-GRADUAÇÃO NA GRANDE ÁREA DA SAÚDE: UM CONTO, UM MITO E UM FILME

EDISON DE J. MANOEL¹

O que é um programa de pós-graduação (PG)? O que faz um programa de PG? Qual é a função / o papel de tal programa? As respostas para essas questões são várias e de nenhum modo consensuais. Entretanto, algo comum permeia todas elas: formar pessoas, produzir conhecimento. Esses são eixos da avaliação da CAPES², inclusive do Sistema de Indicadores de Resultado, o SIR, pensado originalmente para “automatizar”, “objetivar”, “naturalizar” o processo de avaliação. Ainda assim, como eixos para pensar os programas de PG em sua condição, finalidade e desenvolvimento, eles não estão isentos de polêmicas, ou se apresentam a nós como dilemas que desafiam gestores, docentes, estudantes. O presente texto foi produzido para a mesa-redonda “Disseminação do conhecimento em Terapia Ocupacional e Periódicos da Área de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional” e apresenta de forma resumida algumas questões que merecem atenção na constituição de uma área como postulante a participar do Sistema Nacional de PG (SNPG).

O que é formar na PG? Formamos os futuros docentes de ensino superior? Ou formamos pesquisadores? Aqui se estabelece o embate entre dois perfis de profissionais/acadêmicos: o professor que pesquisa e o pesquisador que ensina. O sistema de PG nacional na área de Educação Física, por necessidade e contingências da época, privilegiou a formação do professor que pesquisa

entre os anos de 1980 e 1990. Após esse período, o enfoque passou a ser o pesquisador que ensina. Mas faz sentido tal dicotomia? Tomemos como referência a própria noção de *PhD, Doctor of Philosophy*. O conceito aqui remonta ao início da ciência moderna e da universidade alemã nos moldes dados por Humboldt³. *Philosophy*, nesse título, refere-se à noção de Filosofia como mãe das ciências e também pelo fato da denominação comum que se dava à ciência a partir do século XVII, isto é, Filosofia Natural. Em sua origem o PhD não era apenas um título que dava autonomia ao indivíduo para fazer pesquisa. Mais do que isso, o PhD era um indivíduo que dominava o ato de fazer ciência no sentido lato, não restrito a uma área, a um campo, a uma especialidade. Não por acaso até os anos 1990, era comum na Europa encontrar indivíduos que demoravam cinco, seis, até dez anos para obterem esse título. Ao longo desse período o candidato ao título já construía uma linha de pesquisa, de docência, e era por essa trilha acadêmica que o título de PhD lhe era outorgado. Um doutor deve agregar qualidades e competências que ultrapassem a dicotomia pesquisador/docente. Mas deixemos Paulo Freire⁴ nos falar a respeito:

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a

¹ Professor Titular da Universidade de São Paulo, Coordenador do Grupo de Estudo do Desenvolvimento da Ação e Intervenção Motora (GEDAIM) – USP

² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Ministério da Educação.

³ Podem-se considerar aqui algumas referências, por exemplo K. Minnow (1980). *Conceito de universidade*. Brasília: Editora da UnB.

⁴ FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (p. 29).

O que é produção de conhecimento na PG? A publicação de artigos em periódicos científicos é sinônimo de produção de conhecimentos? E escrever um livro? É uma produção que denota a efetiva produção de “novos” conhecimentos, ou seria o livro um meio de difusão de conhecimentos já estabelecidos? Desenvolver um serviço de atendimento ou uma técnica de intervenção não podem ser considerados exemplos de produção de conhecimento no âmbito da PG? O instrumento base para o registro da vida acadêmica de todos no Brasil hoje é dado pela Plataforma Lattes. Nela encontramos que a produção é categorizada em três dimensões, científica, artística e tecnológica, que resultam em três possibilidades de registro de produções: bibliográfica, técnica e artística/cultural. A Capes assume categorização similar e deixa que cada área decida os pesos de cada tipo de produção. Mas essa atribuição não é trivial. Nem sempre há consenso entre as áreas que compõem uma grande área, havendo inclusive embates dentro de uma mesma área⁵.

Apesar das possibilidades e das escolhas dadas, inclusive pela direção da CAPES, os dilemas existem apenas para alguns de nós, ou é um vício de quem aqui escreve. A leitura dos documentos da CAPES, os investimentos nos indicadores de avaliação denotam sem subterfúgios quais são as prioridades políticas impostas aos programas de PG quanto à formação – formamos pesquisadores –, e à produção – proeminência do artigo como a produção. Não bastasse a complexidade de interesses, temas e conceitos envolvidos no tratamento

desses “dilemas”, surge outro tão ou mais complicado: a especificidade das áreas diante de um sistema que trata como igual o que em essência é diferente. A Terapia Ocupacional, a exemplo de outras áreas coirmãs (Educação Física, Fisioterapia e Fonoaudiologia), tem a sua identidade construída como um campo de intervenção, intervenção que é orientada academicamente por conhecimentos que perpassam diferentes disciplinas acadêmicas tradicionais (por exemplo, Biologia, Psicologia, Antropologia e Sociologia). Dessa forma, num mesmo campo, como é o caso da Terapia Ocupacional, há a convivência de temas e metodologias que surgem do imbricar da ciência com a tecnologia, das ciências com as humanidades.

A preocupação com a pós-graduação no Brasil vem de longa data e tem origem no trabalho pioneiro de Anísio Teixeira no reconhecimento e na valorização da formação de recursos humanos para a educação, e é desse trabalho que surge a CAPES em 1951⁶. A preocupação da agência nesse início era a de estabelecer políticas e coordenar os esforços para a qualificação dos recursos humanos para o ensino superior. É nos anos 1970, todavia, que a sistematização da PG toma forma no chamado SNPG, e junto com esse movimento ocorre a organização de um processo de avaliação. Nos anos 1990, há um investimento no aperfeiçoamento do sistema nacional de avaliação. A partir desse período um dos temas que ensejaram os debates mais calorosos nas rodas acadêmicas refere-se aos critérios de avaliação. Ganha força a ideia de um sistema que avalie os programas de maneira uniforme, com um conceito de rigor que independe da área. Uma nota ou conceito dado a um programa numa área deve ser equivalente à mesma nota ou conceito dado a outro programa de área

⁵ Nos últimos anos estive envolvido na discussão da produção na Área 21 junto à CAPES, o que resultou na co-autoria de dois artigos, a saber: Carvalho, Y. M. e Manoel, E. de J. (2006). Para além dos indicadores de avaliação da produção intelectual na grande área da saúde. *Revista Movimento*, 12, 3, 193-225; Carvalho, Y. M. e Manoel, E. de J. (2007). O livro como indicador de produção intelectual na grande área da Saúde. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 29, 61-73.; Carvalho, Y. M.; Manoel, E. de J.; Novaes, B.; Guirro, R. J. & Bracht, V. (2008). O livro na pós-graduação: uma metodologia para avaliação do livro. *Revista Brasileira de Pós-graduação*, 5, 10: 226-249.

⁶ FERREIRA, M. M. e MOREIRA, R. L. (orgs.) *CAPES 50 anos: Depoimentos ao CPDOC/FGV*. Brasília: FGV/CPDOC/CAPES, 2002.

diversa. Nos últimos anos o que mais se discute não são tanto os critérios, mas os indicadores utilizados para atribuir notas aos programas, cujo melhor exemplo é o QUALIS. Mas e a avaliação? Ela comumente é confundida com os indicadores num equívoco que merece ser tratado como elementar, pois medir é tratado como sinônimo de avaliar. E a PG? Ninguém sabe, ela se perdeu nos meandros dos indexadores, dos indicadores, dos QUALIS.

Nunca formamos tanto, nunca produzimos tanto. Na euforia dos ganhos, reitores, presidentes, diretores, coordenadores de programa, entre outros, proclamam: subimos nos rankings das universidades, estamos progredindo, estamos caminhando a passos largos. Mas como em “José”, de Carlos Drummond de Andrade, cabe perguntar: Para onde?

Dentro de todo esse contexto, a Terapia Ocupacional enfrentará novos e importantes desafios ao iniciar uma nova etapa com programa próprio de PG. Quais são esses desafios? Vou agrupá-los em três categorias a partir do que denominei no título da minha apresentação de “um conto, um mito e um filme”. Primeiro, em relação ao conto, tiro minha ideia de uma história narrada por F. Dostoiewski, cujo título é *O sonho de um homem ridículo*⁷ e de um livro chamado *Fausto*, de Goethe⁸. Os dois textos são o que chamamos de clássicos. A tônica das histórias narradas servirá para destacar os problemas que se estabelecem na comunicação entre as pessoas, os efeitos que nossas falas e conceitos têm sobre os outros e, sobretudo, pelo fascínio que o conhecer exerce sobre os pesquisadores, principalmente pelo poder que o resultado do conhecer lhes dá. Não raro, pesquisadores fazem pactos como o feito pelo Doutor Fausto. Temos dificuldade com a alteridade, com a possibilidade de viver com o diferente. Áreas como a Terapia Ocupacional agregam pessoas de diferentes

formações e interesses específicos. A PG viveu, e vive, uma pressão para uniformizar critérios em nome da qualidade acadêmica. Mas não se pode tratar como igual o que é diferente historicamente. Numa época em que todos têm como sonho dourado a internacionalização, é preciso distinguir entre a produção veiculada internacionalmente por meio de periódicos e a produção de qualidade internacional. Uma não é necessariamente condição para a outra. Na CAPES, e universidades, fala-se frequentemente da primeira como se estivesse tratando da segunda. Qual é o veículo fidedigno e fiel para veicular as informações da área, ou para difundir os conhecimentos? A resposta a essa questão deve ser dada pela área. É a área que deve mostrar onde e como pode ser avaliada no que diz respeito à sua produção intelectual. É a área que deve mostrar quais são os critérios de excelência que uma terceira parte pode aplicar para avaliar de forma imparcial sua produção. Corporativismo (geralmente mostrado por áreas e programas) de um lado e imposição autoritária de critérios de outro (geralmente mostrado por gestores do SNPG) não contribuem para o desenvolvimento de um PG de qualidade.

Segundo, lanço mão de um mito, o mito do Deus Kinesiologos, para falar dos equívocos da base epistemológica mais em voga hoje na Educação Física. A história fala da constituição acadêmica da Educação Física que se centrou na mudança de nome ou na preferência pelo uso do termo Cinesiologia. No meu modo de ver os programas de PG em Terapia Ocupacional necessitam se caracterizar como proposta de forma fiel à tradição e identidade da área como um campo de intervenção orientado academicamente. Isso significa que deve haver uma coerência externa e interna na relação área básica, áreas de concentração, linhas de pesquisa e projetos de pesquisa. Uma rápida análise

⁷ GUIMARÃES, R. *Os mais brilhantes contos de Dostoiewski*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1956.

⁸ GOETHE, J. W. *Fausto: Partes I e II*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1833/1981.

da organização acadêmica do Departamento de Terapia Ocupacional da UFSCar denota que os grupos de pesquisa têm uma forte ligação com a extensão e, assim, colocam a intervenção como seu objeto de pesquisa. Uma matriz epistemológica consistente e coerente com a tradição da área é essencial para orientar a formação de recursos humanos e a produção científica no programa. Esse é um desafio em face de os critérios da grande área da Saúde terem historicamente desvalorizado esse tipo de matriz em favor de uma estrutura com base em pesquisas de natureza experimental sintonizadas com problemas que são de interesse editorial dos periódicos internacionais de maior impacto. Não raro, vemos na Educação Física a configuração de propostas de programa orientadas para atender tais critérios em detrimento das tradições e necessidades da área. O mito do Deus Kinesiólogos se alimenta do fascínio que a Educação Física teve, e tem, por assumir como sua agendas de pesquisa que são na verdade de outras áreas, de disciplinas tradicionais geralmente denominadas como “ciências-mãe”.

Terceiro, retomo de certa forma a primeira preocupação ao falar de um filme chinês, Nenhum a menos, do diretor Zhang Yimou, realizado em 1999. Quando o professor da escola primária de Shuiquan tem de se ausentar durante um mês, o presidente da pequena aldeia, Tian, apenas consegue encontrar uma adolescente de 13 anos, Wei Minzhi, para substituí-lo. O professor Gao advertia para que não permita que os alunos abandonem a escola, garantindo-lhe o pagamento de 50 yuan e mais um pequeno extra se for bem-sucedida. Minzhi, pouco mais velha que alguns dos seus alunos, pouco pode fazer além de escrever um texto no quadro e ensinar uma ou outra canção. Mal começa a dar aula, uma pequena aluna é convidada a ingressar numa escola de atletismo e, quase de imediato, Huike, uma das crianças mais difíceis de controlar nas aulas, é obrigado a deixar a escola e ir trabalhar na cidade grande, pois vive só com

a mãe, que está doente e imersa em dívidas. Minzhi recusa-se a perder outro aluno e começa a sua epopeia: conseguir chegar à cidade (ela nunca havia saído da província) e encontrar o menino para trazê-lo de volta. Ela não desiste e chegamos a pensar o porquê. Seria o dinheiro prometido? Mas vale a pena tanto sacrifício pensando que Huike era o mais indisciplinado, pensando que ele a desrespeitava com frequência? As lições desse filme, para mim, são várias, muitas falam do que é ser professor. Mas a que me leva a comentar esse filme aqui é a ideia de que numa escola todos são importantes, não podemos deixar ninguém de fora, a prática da alteridade é essencial, lidar com o diferente faz toda a diferença numa escola. A configuração da PG, dada a partir das orientações da CAPES, coloca-nos no dia a dia frente ao que é diferente. A uniformidade dos critérios não contempla a diversidade que existe nas instituições de ensino superior e pesquisa. Precisamos de todo mundo para fazer a PG. E, no caso dos docentes, precisamos de todos, cada qual com sua produção específica, mas de qualidade. Precisamos dialogar entre nós, dentro de um programa, entre programas, na comunidade de uma forma geral. Uma das mudanças mais significativas ocorridas na Área 21 foi a criação do Fórum Nacional Permanente de PG de EF, Fono, FT e TO. Muitos programas de PG tornaram-se verdadeiros teatros de guerra ou campos de caça cuja temporada se abre em coincidência com os períodos de credenciamento e credenciamento de docentes para os programas. Um programa de PG não se faz com infraestrutura física e equipamentos de última geração. Um programa se faz com pessoas, docentes, estudantes e funcionários. Os eixos de um programa nascem da história da instituição, das tradições de uma área, e as pessoas da instituição têm uma parte importante nisso. Não se pode abafar tudo isso em nome de critérios, ou pior, de indicadores que são originários de visões preconceituosas e distorcidas do que consiste a vida acadêmica de um programa. A Terapia Ocupacional

mostra uma preocupação em fazer ciência a partir da intervenção, e não fazer ciência para depois pensar a intervenção. A Terapia Ocupacional elabora e recorta temas e problemas de pesquisa a partir de diferentes tradições de pesquisa e, por isso, necessita desenvolver métodos próprios de investigação. A Terapia Ocupacional sistematiza conhecimentos com orientações diversas das ciências biológicas a ciências sociais e humanas. A Terapia Ocupacional se nutre das artes e humanidades na construção de métodos de intervenção, na elaboração de sentidos e significados para sua prática. Considerando tudo isso e que a Terapia Ocupacional está inserida na Área 21 que congrega, além dela, a Educação Física, a Fisioterapia e a Fonoaudiologia, e esta por sua vez faz parte da grande área da Saúde, os desafios para a consolidação dos programas de PG específicos de Terapia Ocupacional são imensos, mas não menos interessantes. Como diz uma expressão inglesa:

“The time is ripe...”

